

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO**

**DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA**

**CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**



**O IMPACTO DA RELAÇÃO FAMILIAR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE  
ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO**

**MILLENA LEAL FERRAZ PEDROSA**

**RECIFE**

**2021**

MILLENA LEAL FERRAZ PEDROSA

**O IMPACTO DA RELAÇÃO FAMILIAR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE  
ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas/UFRPE como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Veridiana Alves de Sousa Ferreira Costa.

Co-orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Flávia Carolina Lins da Silva.

RECIFE

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Sistema Integrado de Bibliotecas  
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

P372i Pedrosa, Millena Leal Ferraz Pedrosa  
O IMPACTO DA RELAÇÃO FAMILIAR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES DE  
ENSINO MÉDIO / Millena Leal Ferraz Pedrosa Pedrosa. - 2021.  
32 f.

Orientadora: Veridiana Alves de Sousa Ferreira Costa.  
Coorientadora: Flavia Carolina Lins da Silva.  
Inclui referências.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,  
Licenciatura em Ciências Biológicas, Recife, 2021.

1. Família. 2. Aprendizagem. 3. Adolescentes. I. Costa, Veridiana Alves de Sousa Ferreira, orient. II.  
Silva, Flavia Carolina Lins da, coorient. III. Título

---

CDD 574

MILLENA LEAL FERRAZ PEDROSA

**O IMPACTO DA RELAÇÃO FAMILIAR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE  
ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO**

Comissão Avaliadora:

---

Profª Drª Veridiana Alves de Sousa Ferreira Costa – UFRPE

Orientadora

---

Profª Drª Ywanoska Maria Santos da Gama – UFRPE

Titular

---

Profª Drª Virgínia Cavalcanti Pinto – UFRPE

Titular

---

Profª Jessiklécia Josinalva de Siqueira – UFPE

Suplente

RECIFE

2021

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por toda graça atribuída a mim durante a minha trajetória acadêmica, por nunca ter me desamparado e permitido que eu viesse a desfalecer. A Ele, todo o meu louvor e profunda gratidão.

Também gostaria de agradecer àqueles que foram como um instrumento do Céu em minha vida ao longo deste percurso. Sou grata à minha mãe, Socorro, por sempre ter segurado as pontas e permitido que eu pudesse trilhar o caminho da graduação, além de sempre me incentivar e celebrar as minhas conquistas. Agradeço, também, ao meu pai, Rogério, por sempre compreender e me apoiar em minhas demandas de estudo e atividades acadêmicas, e dizer-lhe que, ainda que se orgulhe de mim, meu coração se alegra muito mais em poder vê-lo feliz. Ao meu irmão e minha cunhada, Rodrigo e Jéssica, por sempre se importarem e serem um ponto de diálogo e troca edificante. Gratidão, também, ao meu namorado e amigo, Júnior, por todo amor, companhia, apoio, encorajamento e compreensão ao longo desta reta final. A vocês, minha profunda gratidão e amor.

Gostaria, também, de agradecer aos meus amigos, que foram braços fortes e ombros consoladores durante todo o percurso. Vocês foram imprescindíveis: Camila, Keila, Misrain, Felipe e Victor. Obrigada por todo amor e carinho demandados a mim. E também a outros amigos que chegaram perto do fim, mas que marcaram e foram extremamente importantes para a finalização do meu curso: Bruno, Diógenes e Rafael, obrigada! Vocês são pessoas lindas que eu tenho orgulho de conhecer.

Também gostaria de agradecer às minhas orientadoras, belas mulheres que me ajudaram durante esse processo de elaboração e escrita, Flávia e Veridiana. Flávia, obrigada por me acolher desde a Residência Pedagógica, por ser comigo dos piores aos melhores momentos, por toda sensibilidade, compreensão e carinho. Veridiana, muito obrigada por abraçar a orientação do meu trabalho e me acolher tão bem, mesmo em meio a uma pandemia e toda implicação gerada por isso. Vocês são exemplos de profissionais para mim, que excedem as habilidades do diploma e ensinam sobre humanidade com a própria vida.

Sou grata a Deus por ter me rodeado de pessoas tão especiais. De fato, somos mais fortes quando estamos acompanhados. Precisamos uns dos outros para atravessar e trilhar a estrada da vida.

Gratidão.

“...embora a dificuldade de aprendizagem seja sempre condição ligada a múltiplos fatores internos e externos ao sujeito, ela está sustentada firmemente pelo meio familiar no qual o sujeito está inserido, isto é, seja qual for a causa do problema de aprendizagem, o grupo familiar é um fator essencial para a manutenção ou resolução do problema.” (BRAGA et al, 2007, p.151).

## SUMÁRIO

<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>7</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>11</b>
<b>O IMPACTO DA RELAÇÃO FAMILIAR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO</b>	<b>12</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>DESENVOLVIMENTO</b>	<b>14</b>
CONCEITO GERAL E FUNÇÃO DA FAMÍLIA	14
A FAMÍLIA AO LONGO DO TEMPO	16
A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM	18
ENSINO MÉDIO E ADOLESCÊNCIA	19
A PRÁTICA PEDAGÓGICA	25
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>28</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>30</b>

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Desde o Brasil-Colônia até a contemporaneidade, a família sofreu influência das transformações sociais, culturais e econômicas ocorridas no mundo e no país. A partir do século XIX, a família patriarcal dá lugar a uma nova configuração familiar - a família nuclear burguesa. Uma família constituída por pai, mãe e poucos filhos, originária na Europa, tendo o homem como autoridade e a mulher como cuidadora do lar. Contudo, após a Revolução Industrial, o padrão de estrutura da família nuclear burguesa foi alterado, tendo como característica marcante a entrada da mulher no mercado de trabalho, o que afetou a forma de configuração familiar (CASARIN & RAMOS, 2007). Também como consequência dessas transformações, as mulheres alcançaram independência financeira e liberdade sexual. A descoberta e democratização dos anticoncepcionais, dentre outras coisas, fez emergir o número de gravidez não programada entre adolescentes. Além disso, a possibilidade do divórcio e o número de mulheres sozinhas na criação de filhos aumentou (KEHL, 2003).

Essas mudanças trouxeram impactos ao ambiente familiar, como a falta de tempo, os desencontros e a solidão, e sobre esta realidade CASARIN & RAMOS (2007, p.184), afirmam:

A falta, ou escassez, de relações familiares adequadas, devido ao pouco tempo de convívio, ou desajustamentos pessoais, provoca a carência das funções materna e paterna, fragiliza os laços amorosos. Todo ser humano procura identificação e aceitação em um grupo. Se sua família não estiver provendo essa identificação e organização necessária, ele irá buscá-las fora do convívio parental.

Ainda a respeito das implicações das transformações familiares, ORSI & YAEGASHI (2007, p.2) afirma:

Essas transformações fizeram com que a família contemporânea ficasse submetida a uma dispersão ou falta de valores e referenciais que norteiam o modo de educar os filhos e reflete, em última análise, na perda da coesão comunitária.



O desenvolvimento saudável de um indivíduo está diretamente relacionado com os laços afetivos estabelecidos no contexto familiar, dessa forma, possíveis desajustes podem gerar problemas no enfrentamento de situações cotidianas e interação social (DESSEN & POLONIA, 2007).

A autoestima é outro ponto importante ao desenvolvimento do sujeito, sendo uma virtude que nasce desde muito cedo no seio da família. A autoestima é a forma como um indivíduo percebe a si mesmo, a aceitação que ele tem de si, a forma como se vê. Aos pais cabe o encorajamento, acolhimento, amor, respeito, dentre tantos outros valores, tendo em vista que estas contribuições são indispensáveis à formação da autoestima de um sujeito. Quando há deficiência neste suprimento, devido, por exemplo, à ausência dos pais, o sujeito em formação pode apresentar inconformidade consigo mesmo, com índices de rejeição e desvalorização de si mesmo (ZAGURY, 2005).

Essas dificuldades podem refletir no desempenho escolar destes sujeitos, pois, é no seio da família que ocorre a maturação e individuação do indivíduo, onde a sustentação emocional é fornecida, oportunizando que o estudante possa ser bem-sucedido na aprendizagem escolar. CASARIN & RAMOS (2007, p.184) ainda afirma: “A criança precisa de segurança, estabilidade, afetividade e compreensão para sentir-se adequada diante dos processos de aprendizagem.”

Diante disso, pode-se perceber que o processo de aprendizagem transcende a linearidade e superficialidade, e encontra-se imerso em um contexto complexo, integrado, subjetivo e social. E, apesar de a família não ser a única causa que determine os problemas de aprendizagem, ela mostra-se essencial para a resolução ou manutenção dos mesmos (BRAGA et al, 2007).

Sendo assim, uma criança “em fase de amadurecimento psicossocial” não pode ser responsabilizada por seus fracassos e dificuldades, pois as possíveis demandas são "co-responsabilidade" delas com os pais/cuidadores. Já os adolescentes devem assumir essas responsabilidades enquanto a família oferece os meios necessários à individuação dos mesmos (CASARIN & RAMOS, 2007).

A adolescência, por sua vez, é uma fase marcada por transformações de ordem física e psíquica, onde o sujeito caminha rumo à inserção no mundo adulto e

reconhecimento social, deixando de ser criança e desenvolvendo novas formas de relação com o mundo. Em meio a estes processos, esse indivíduo adolescente vive a busca pela autonomia, o luto diante do rompimento com a infância, a utilização de mecanismos de defesa, os posicionamentos oscilantes, o encontro com o objeto sexual e a construção da identidade, por exemplo.

No processo de construção de sua identidade, o adolescente vivencia o mecanismo de identificação, uma operação psíquica na qual um indivíduo se constitui, que ocorre mediante a sua imersão em um contexto social. Contudo, na contemporaneidade, o adolescente enfrenta algumas dificuldades diante da realidade dos modelos de identificação, como, por exemplo, a rápida mudança de valores da família, bem como a perversidade cultural (OLIVEIRA, 2015).

Mesmo com essas dificuldades contemporâneas, o adolescente, em termos gerais, convive em outros meios sociais e lida com outras figuras de identificação além de seus pais - objetos primários - como, por exemplo, com os professores na instituição escolar. Os professores constituem figuras importantes ao sujeito adolescente, servindo-lhes como modelos de identificação.

Diante da relação professor e estudante adolescente, vigoram processos inconscientes importantes à aprendizagem, através da via da transferência e contratransferência. O termo transferência remete a deslocamento, substituição de uma pessoa por outra, introdução de alguém em estereótipos constituídos ao longo da existência do sujeito. Este mecanismo acontece do estudante ao professor - transferência, e do professor ao estudante - contratransferência.

São processos importantes aos objetivos educativos, tendo em vista que considera o inconsciente e a dinâmica subjetiva intrínseca a todo sujeito. GUITIERRA (2003, p.81) afirma: “A forma como este se posiciona e lida com esses aspectos ‘incontroláveis’ marca as relações educativas e, muitas vezes, incrementa ou barra o processo.”

Um aspecto importante da transferência, imprescindível para que ocorra a aprendizagem, é a transferência de expectativas e ideais, a colocação do professor no lugar de modelo, de Ideal-do-Eu. Ao conceder este lugar especial ao professor, o estudante busca se fazer “amado” por ele, passando a desejar o seu

objeto de saber. Isto possibilita ao professor a utilização deste poder para que o estudante construa o seu próprio saber e a sua própria relação com o mesmo.

Sendo assim, diante da complexidade interna e externa ao sujeito, como seus processos subjetivos e influência familiar, algumas metodologias mostram-se mais adequadas ao processo de ensino, pelo fato de considerarem o sujeito como ser único, individual e social, subjetivo e complexo, que se interessa, que pensa, que questiona, que explora e que, assim, mostra-se capaz de construir seu próprio conhecimento.

Na Psicologia, existem diferentes concepções de mundo e de homem, ou seja, diferentes modelos epistemológicos que serviram de base para diferentes teorias psicológicas. Estas teorias, por sua vez, trazem implicações para a compreensão da relação entre ensino e aprendizagem, originando assim, diferentes modelos pedagógicos.

Teorias psicológicas como a Psicologia Genética e a teoria Sócio Interacionista, que têm a Dialética em sua base epistemológica e o Modelo Relacional como modelo pedagógico, trazem em sua concepção que:

Aquilo que o aluno já construiu é considerado como patamar para novas construções e os novos conhecimentos trazidos pelo professor produzirão um desequilíbrio nesses conhecimentos prévios dos alunos, levando-os a buscar novas respostas e a se desenvolverem. (MONTEIRO & CHIARO, 2012, p.20).

Teorias como estas, que consideram o estudante e suas demandas individuais, mostram-se mais eficazes no processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista a peculiaridade de cada sujeito. No que diz respeito, especificamente, ao sujeito adolescente, diante de toda a sua complexidade psíquica e processos subjetivos, considerar a sua peculiaridade pode aumentar o seu desempenho escolar, mesmo diante das variáveis que o cerca e compõe.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, S. S.; SCOZ, B. J. L.; MUNHOZ, M. L. P. Problemas de Aprendizagem e Suas Relações com a Família. *Rev. Psicopedagogia*, 24(74): 149-59. 2007.

CASARIN, N. E. F.; RAMOS, M. B. J. Família e Aprendizagem Escolar. *Rev. Psicopedagogia*, 24(74): 182-201. 2007.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. da. C. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, Distrito Federal, 2007, 17(36), 21-32. 2007.

GUTIERRA, B. C. C. *Adolescência, Psicanálise e Educação: o mestre do "possível" de adolescentes*. São Paulo: Avercamp, 2003.

KEHL, M. R. *Em Defesa da Família Tentacular*. 2003.

MONTEIRO, C. E.; CHIARO, S. de. *Fundamentos Psicológicos do Ensino e da Aprendizagem*. Recife: Universitária UFPE, 2012.

OLIVEIRA, M. H. P. de. *Diálogos entre a Educação e a Psicanálise: a Relação Professor e Aluno Adolescente*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

ORSI, M. J. J. S.; YAEGASHI, S. F. R. *Família Contemporânea: Reflexões e Repercussões na Educação e na Aprendizagem Escolar*. 2007.

ZAGURY, T. *Educar sem culpa: a gênese da ética*. 21 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

## **O IMPACTO DA RELAÇÃO FAMILIAR NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO**

Resumo: O presente trabalho visa refletir acerca do impacto da instituição familiar na aprendizagem de estudantes do Ensino Médio, tendo em vista a complexidade psíquica do sujeito adolescente, e considerando a influência e importância social neste processo. Ao longo do trabalho, o processo de aprendizagem é desmistificado como linear e apresentado como integrado, resultante de vários aspectos que influenciam na formação e desempenho de um estudante adolescente, inclusive o aspecto inconsciente. Consideramos que questões familiares podem interferir no processo de aprendizagem dos sujeitos adolescentes, demonstrando a importância de o docente considerar uma possível influência da família nesse processo. O trabalho estabelece uma relação entre família, subjetividade e aprendizagem, ressaltando como esses aspectos podem se conectar e influenciar mutuamente. Essa discussão foi estabelecida por meio de uma revisão bibliográfica, onde realizou-se uma leitura analítica da literatura já produzida, bem como interpretação, compilação e sumarização das informações, com posterior elaboração escrita. Por fim, considerando a complexidade e peculiaridade dos sujeitos adolescentes e suas relações com os docentes, alguns pontos de diálogo entre a ética psicanalítica e o construtivismo são estabelecidos, e as metodologias interacionistas são apresentadas como caminhos pedagógicos que podem conduzir esses discentes a um processo de aprendizagem com maior chance de eficácia.

Palavras-chave: Família. Aprendizagem. Adolescentes.

## INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, muitas mudanças ocorreram na história do mundo, gerando transformações sociais que influenciaram diversos aspectos da vida, inclusive a família. Um dos marcos na história global, que gera implicações até a contemporaneidade, foram importantes movimentos sociais ocorridos no século XVIII e XIX, dentre os quais destacamos as Revoluções Francesa e Industrial. Esta última, por sua vez, consolidou ainda mais o capitalismo, abrindo espaço a novos modos de relações de trabalho e de produção, num cenário em que o desejo pelo lucro passa a ser um grande motivador, gerando impactos importantes nas condições de trabalho.

Apesar do surgimento de movimentos socialistas, o Capitalismo internacionalizou-se em quase todo o planeta, culminando em um processo chamado Globalização. Na Globalização há uma universalização da produção, circulação e distribuição de bens e serviços, alcançando áreas como informação, cultura e ciência. As empresas tornaram-se transnacionais, vários avanços tecnológicos instauraram-se, e a competitividade tornou-se cada vez maior. Devido a isso, novos aspectos na realidade do trabalhador foram desencadeados, como: a instabilidade dos postos de trabalho, o déficit de oportunidades trabalhistas e o aumento das exigências de qualificação (OLIVEIRA, 2011; TOMAZI, 2010).

Esta nova realidade mundial acabou impactando as relações familiares. Com a desvalorização do salário dos trabalhadores, devido ao desejo exacerbado dos empresários por lucro, eles precisaram ter mais de um emprego para a manutenção do lar. O crescimento das cidades também estabeleceu a necessidade de aumentar o rendimento familiar, aumentando o tempo dos pais fora de casa, diminuindo o tempo de convívio com os pais. Ressaltamos, contudo, que mais importante que o tempo cronológico nessa convivência é a qualidade do tempo investido nessa relação.

A família é o núcleo responsável pelo amadurecimento psíquico e sustentação emocional dos filhos, proporcionando assim, segurança aos mesmos em seus processos de aprendizagem. Ela deve respaldar a criança na construção da sua personalidade e formação de identidade, fazendo necessário que a mesma esteja presente na vida dos filhos, disponível às suas necessidades (ORSI & YAEGASHI, 2007).

Além da falta de tempo, a família contemporânea tem sido comprometida em outros aspectos, como: ansiedade e incerteza, dependência emocional e econômica das

famílias de origem, desarmonia conjugal, sobrecarga feminina, falta de estrutura emocional, rompimento de famílias anteriores, estímulo à individualidade, etc. Todos estes pontos interferem no relacionamento da família e podem ter um impacto negativo na aprendizagem de crianças e adolescentes devido aos transtornos emocionais causados por eles (CASARIN & RAMOS, 2007).

Considerando que toda pessoa é formada por subjetividade e emoções que são influenciadas pela relação familiar, percebemos, então, que as condições de um núcleo familiar interferem na aprendizagem dos estudantes, tendo em vista a integralidade do ser. Esta realidade foi percebida durante a minha vivência na Residência Pedagógica, programa que integra a Política Nacional de Formação de Professores, onde o licenciando tem a oportunidade de se inserir no ambiente escolar a partir da segunda metade do curso. Nessa experiência, pude observar e ter uma atuação direta na escola, estabelecendo relação e convivendo com estudantes, durante as regências, observação e comunicação extraclasse. Através desse contato contínuo, alguns externaram seus problemas familiares, possibilitando-me observar uma relação entre isso e seus respectivos desempenhos e comportamentos em sala de aula.

Diante do exposto, o presente trabalho pressupõe que uma relação familiar comprometida pode interferir no processo de aprendizagem de um indivíduo. A faixa etária escolhida foi a adolescência, por ser um público que enfrenta um momento de definição de identidade, caracterizado, de maneira geral, por um relacionamento ambivalente e conflituoso com seus pais, sendo comum vivenciar uma relação de transferência com seus respectivos professores. A escolha também se deu pelo fato da adolescência ser a principal faixa etária que compõe a minha área de atuação como futura docente.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **CONCEITO GERAL E FUNÇÃO DA FAMÍLIA**

Na Constituição Federativa do Brasil, no Capítulo VII, a família é apresentada como base da sociedade e como receptora da proteção do Estado. Em seus termos, a entidade familiar é definida como uma “comunidade formada por qualquer dos pais e seus

descendentes”, sendo assegurada assistência na pessoa de cada um de seus integrantes (BRASIL, 1988, p.131).

Além da Constituição, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), ressalta a importância da família na formação e desenvolvimento dos indivíduos, trazendo no Artigo 19 do Capítulo 3, que: “É direito da criança e do adolescente ser criado e educado no seio de sua família e, excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente que garanta seu desenvolvimento integral.” (BRASIL, 1990, p.17).

A família é responsável por assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento físico e psíquico de crianças e adolescentes, tendo em vista que é o primeiro grupo que media o indivíduo com a sociedade. Sendo assim, por assumir esse papel fundamental, a família é conhecida como célula *mater* da sociedade (BOCK et al, 1999).

A função desta instituição é prover as necessidades essenciais de seus membros, conceder a possibilidade de desenvolvimento em todos os âmbitos e proporcionar aceitação, cuidado e amor. O atendimento de tais necessidades, por meio de uma estrutura adequada, é indispensável na formação da personalidade dos sujeitos (MACEDO, 1994).

A família pode ser impulsionadora ou inibidora do desenvolvimento físico, intelectual, emocional e social dos indivíduos. É neste ambiente que um sujeito aprende a lidar com conflitos e adversidades, a ter autocontrole e a expressar seus sentimentos. O desenvolvimento dessas habilidades tem repercussão ao longo da vida, quando o sujeito convive e interage em outros ambientes e passa a expressá-las – de forma saudável, ou não.

A falta de qualidade das relações familiares pode acarretar problemas interpessoais através de uma possível reprodução – em outras interações – do modelo relacional vivido no âmbito familiar. Por outro lado, laços afetivos saudáveis podem desencadear um bom ajustamento e desenvolvimento do sujeito nos diversos ambientes que participa, pois o protege e capacita às situações e dificuldades cotidianas.

Segundo Braga et al (2007), existem comprovações científicas acerca da importância do cuidado familiar nos primeiros anos de vida, tendo em vista que a qualidade – ou não – do mesmo influenciará posteriormente na saúde mental da criança. Ou seja, a família exerce um papel central no desenvolvimento de seus membros.



## A FAMÍLIA AO LONGO DO TEMPO

O século XIX foi um grande marco na história mundial. Grande parte das transformações sociais eclodiram neste período, não sendo diferente na família, que sofreu sérias influências deste contexto.

Após a Revolução Industrial, o sistema capitalista instaurou-se fortemente por meio do capitalismo industrial. Uma das características deste cenário era a desvalorização da mão de obra dos trabalhadores, que recebiam baixos salários, trabalhavam grandes períodos e não possuíam direitos trabalhistas. Para ajudar no orçamento do lar, a mulher precisou inserir-se no mercado de trabalho, afetando assim, o cenário familiar. A busca pelo dinheiro aumentou e, conseqüentemente, o tempo das famílias com os filhos foi limitado (MIGUEL, 2008).

Após a II Guerra Mundial, esta realidade foi ratificada. Devido à ausência de mão de obra masculina no mercado de trabalho, a atuação feminina aumentou ainda mais (CASARIN & RAMOS, 2007). A busca pela emancipação feminina, a maior participação da mulher na manutenção econômica do lar, o aparecimento de casais de dupla carreira em que cada cônjuge tem uma carreira própria, dentre outros elementos, fizeram com que surgissem diferentes maneiras de compartilhar papéis no exercício das funções parentais.

Assim, na metade do século XX, a família nuclear moderna foi cedendo lugar a novos arranjos familiares em que esses papéis e funções familiares ocorrem no contexto de diversidade. As transformações sociais decorrentes da contemporaneidade mudaram também as configurações familiares, onde outras formas de agrupamentos familiares se estabeleceram, como: separadas, recasadas, monoparentais, homoparentais, etc. Todas essas transformações repercutiram, também, no modo das relações entre filhos e pais (OLIVEIRA, 2015). Desse modo, a família nuclear burguesa (pai, mãe e filho) embora não tenha deixado de existir, foi dando lugar novas configurações em que a singularidade da vivência dos sujeitos em seus núcleos familiares tende a ter um peso explicativo importante na definição dos personagens que “são da família”, indo além dos fatores biológicos e legais, mas levando em conta aspectos da subjetividade que integram os significados da convivência (WAGNER, 2011).

A essas novas configurações familiares, que carregam consigo um conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as formas pelas quais os membros da família

interagem, o que chamamos de estrutura familiar, Kehl (2003) chamou de família tentacular. Com as transformações sociais, os números de separações e divórcios aumentaram, novos casamentos surgiram, e conseqüentemente, novos membros foram adicionados ao ambiente familiar – padrasto, madrasta e seus respectivos filhos, por exemplo. Exatamente nisto consiste a família tentacular, ela é uma estrutura familiar ampla, que abraça e considera os membros advindos de outras famílias, formando assim, uma configuração mais extensa, assemelhando-se a um tentáculo.

Pelo exposto, percebemos que, ao contrário do que se fala muitas vezes no discurso comum de que “a família está em crise”, é importante focar que, na verdade, há uma reconfiguração *do modelo tradicional de família*, implicando em uma diversidade de modelos, de modo que há uma pluralidade de variáveis implicadas na definição do conceito de família, inclusive do ponto de vista legal. As mudanças que ocorreram nas famílias nos levam a desconstruir a ideia de que a configuração – quem compõe a família – determina a estrutura – como essa família se organiza. Essa coexistência de configurações e estruturas familiares diversas têm ampliado não só o conceito de família, mas também suas implicações na sociedade, levando-nos ao exercício de aceitar e conviver com o diferente. Consideramos isso muito relevante para tirar do lugar comum e do discurso preconceituoso uma fala muitas vezes repetida por professores/as e pela escola acerca das famílias de configurações diferentes. É imprescindível que isso seja desconstruído no ambiente escolar a fim de abolir os preconceitos em relação aos novos modelos de família, na escola e fora dela.

Ademais, como nos lembram Wagner et al (2011, p.29) “[...] O fato da família apresentar condições de responder às mudanças internas e externas de seu contexto, sendo flexível a fim de atender às novas circunstâncias, indica bons níveis de saúde”. Muitas famílias, apesar de dificuldades impostas pelas transformações contemporâneas, conseguem manter-se saudáveis reconhecendo os papéis e as funções de cada membro, bem como as fronteiras que estes estabelecem entre si. Este fato pode favorecer e facilitar o processo de desenvolvimento e aprendizagem dos indivíduos.

## A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA APRENDIZAGEM

O núcleo familiar tem a função de garantir não apenas o desenvolvimento físico, mas também psíquico dos sujeitos, podendo atuar favorecendo ou dificultando o processo de aprendizagem.

Na família ocorre a construção e aprofundamento dos laços afetivos, propiciando a base necessária à construção pessoal e individualização. Esta sustentação emocional fornecida pelos pais, pode conduzir os filhos ao encontro do sucesso na aprendizagem escolar (CASARIN & RAMOS, 2007).

O valor afetivo dos sentimentos nutridos pelos pais à criança é de suma importância ao desenvolvimento da mesma, inclusive em seu processo de aprendizagem. Estes sentimentos irão contribuir na construção do autoconceito, do conceito de mundo e do seu lugar no mundo. Existem comprovações de que os cuidados nos primeiros anos de vida de uma criança influenciam na sua saúde mental futura, e que quando a mesma é privada destes, a continuidade do seu desenvolvimento é, quase sempre, comprometida (BRAGA et al, 2007).

No que se refere à aprendizagem, o autoconceito é imprescindível, pois é por meio dele que a criança se julga capaz de aprender, ou não. O autoconceito pode ser influenciado pelo lugar que é dado aos sujeitos pela família. DESSEN & POLONIA (2007, p.24) afirmam que “(...) pais punitivos e coercitivos podem provocar em seus filhos comportamentos de insegurança, dificuldades de estabelecer e manter vínculos com outras crianças, além de problemas de risco social na escola e na vida adulta.” Desse modo, pais que investem negativamente em seus filhos, influenciam na forma como eles se veem como aprendizes e, por conseguinte, no seu processo de aprendizagem. Por outro lado, pais que apostam e investem positivamente em seus filhos, que incentivam suas descobertas e aventuras acadêmicas, influenciam na forma como eles se enxergam como sujeitos de aprendizagem e, assim, em seus resultados.

Sustentamos, então, que essas experiências que envolvem o processo de aprendizagem no contexto familiar influenciam no autoconceito e no resultado desse processo, de modo que, por exemplo, um possível sentimento de incapacidade em um sujeito dificulta o seu processo de aprendizagem, enquanto o mesmo aprenderá muito mais se julgar-se capaz de aprender.

A autoestima também pode ser um elemento importante no processo de aprendizagem. Ela diz respeito à percepção individual do seu próprio eu, que dirige os interesses do indivíduo. Ela começa a ser formada desde muito cedo e os pais têm um papel indispensável de suporte emocional. Ao oferecerem amor, respeito, confiança, segurança e muitos outros valores, os pais aumentam a autoestima de seus filhos e despertam nos mesmos o interesse em aprender. Por outro lado, a ausência de um contexto em que a autoestima possa se desenvolver positivamente, levando à baixa autoestima, pode fazer com que o sujeito apresente problemas como depressão e dificuldades nos estudos (ZAGURY, 2005).

Ao longo da história, a família tem passado por muitas crises e problemas de diversas naturezas, muitas vezes em função dos impactos provocados pelas transformações ocorridas no mundo, na sociedade, às quais ela teve que se adaptar. Vale ressaltar que, essas crises, muitas vezes, podem fazer com que essas famílias se reorganizem e cresçam, e aquilo que antes era um problema, passa a ser fonte de aprendizado. Mas isso não se dá sem consequências. Estes problemas no contexto familiar fragilizam os laços e podem desencadear transtornos de aprendizagem, como uma forma de expressar a “precariedade dos vínculos familiares” (CASARIN & RAMOS, 2007, p.185).

Apesar da nítida relação entre a família e a aprendizagem, não propomos relacionar todo o problema de aprendizagem com a dinâmica familiar. Este modo de pensar foi considerado uma simplificação pelas Ciências Humanas, tendo em vista que essa problemática não é desencadeada por uma única causa (BRAGA et al, 2007). Apesar disso, destacamos aqui que uma relação familiar precária e comprometida compromete e interfere no processo de aprendizagem, mesmo levando em conta que outros elementos também se fazem presentes e interferem nesse processo de aprendizagem.

## ENSINO MÉDIO E ADOLESCÊNCIA

Após a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I e II, um indivíduo avança ao Ensino Médio, último nível de ensino da Educação Básica, com a duração mínima de três anos, e geralmente composto por um público adolescente. É a este nível e a este público, que o respectivo trabalho se refere.

A adolescência é um período de passagem da infância à fase adulta, caracterizado por um período de desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social. Esta fase geralmente se inicia com a puberdade e é definida cronologicamente pela Organização Mundial da Saúde (OMS) entre os 10 e 19 anos.

Importa destacar que a puberdade é um evento biológico de intensas mudanças morfológicas e fisiológicas advindas de mecanismos hormonais iniciados na vida fetal. É um período marcado pelo desenvolvimento das características sexuais secundárias e completa maturação feminina e masculina, garantindo a perpetuação da espécie (EISENSTEIN, 2005). Trata-se de um fenômeno biológico universal. Essas transformações físicas da puberdade, em geral, produzem consequências psíquicas, que exigem desse sujeito uma reformulação interna e externa, tendo em vista as inevitáveis transformações corporais vivenciadas por ele (OLIVEIRA, 2015).

A adolescência, por sua vez, é um período marcado por novas emoções, sensações e sentimentos até então completamente desconhecidos e com os quais o sujeito agora precisa lidar. Trata-se de um processo psíquico fundamental na história do desenvolvimento que organiza o conjunto da vida do sujeito.

Acompanhando Costa (2015), entendemos a adolescência como um período de passagem, circunscrito, que diz respeito à travessia da infância à idade adulta. Como um sujeito em passagem, o adolescente se depara com uma série de exigências psicossociais a cumprir na saída da infância: aspirações no âmbito dos ideais sociais, posições no espaço da família, do trabalho, na relação com seus pares, confronto com o real do sexo, etc.

Como destaca a autora,

(...) uma série de lutos espera pelo adolescente: ele perde um corpo infantil que se transforma em corpo adulto; ele precisa renunciar aos laços infantis com a imagem interiorizada dos pais e, efetivamente, separar-se dos pais; ele conquista a emancipação, mas com ela, uma série de perdas decorrentes da condição de ser criança, etc. (COSTA, 2015, p. 53).

Embora considerando a adolescência uma passagem, que promove uma mudança na posição do sujeito, as inúmeras transformações que o adolescente atravessa nos levam a pensá-la

como uma operação que pode ocorrer em uma temporalidade distinta da maturação pubertária, embora possa com esta coincidir.

Trata-se de uma operação simbólica, um trabalho psíquico que exige uma posição subjetiva. Essa operação constitui sua condição e ocorre em uma temporalidade outra, que não obedece à faixa etária, isto é, diz respeito a um modo de funcionamento, determinado pelos significantes, que não está atrelado a uma idade cronológica. Nessa perspectiva, a característica principal desta operação é não ser cronologicamente datada e sua durabilidade dependerá do tempo próprio a cada sujeito para realizar a operação subjetiva que lhe corresponde (COSTA, 2015, p. 55)

Com as mudanças físicas, introduz-se a necessidade de diversos remanejamentos psíquicos, que desempenham papel fundamental na evolução da vida adulta.

Essas mudanças da puberdade conduzem o adolescente efetuar um trabalho de reapropriação da imagem do corpo, reconstruindo a imagem da primeira infância e extraíndo disso novas posições identificatórias. (COSTA, 2015, TEIXEIRA, 2014).

É também na adolescência que o sujeito se vê confrontado com a distância entre a realidade de seus pais, que ele começa a perceber como pessoas comuns, e os pais idealizados da infância. Ocorre, então, uma desqualificação do pai e da família em encarnar imaginariamente o Outro.

Em virtude dessa crise com as figuras parentais, o adolescente precisa estabelecer com eles uma nova relação. Emerge, então, um movimento em direção à autonomia e, ao mesmo tempo, à manutenção da dependência em relação aos pais. Atitudes oscilantes e radicais, com experimentos de adesão e oposição a sistemas normatizadores e a autoridades, revelam o conflito que ele vive pela redescoberta dessa inconsistência do Outro, que, mais do que nunca, agora é contestado. (COSTA, 2015, p. 57)

Pelo exposto, vemos que ocorre na adolescência uma intensa transformação na percepção do mundo, onde o sujeito torna-se independente de sua família, cria a sua própria identidade e traça seus próprios caminhos (DOMINGUES et al, 2009). Deixar de ser criança e tornar-se adulto, aquisição de autonomia, abandono da dependência parental, são fatores que, de maneira geral, sustentam esse período.

Alberti (2010) nos lembra que o trabalho da adolescência também se inscreve na elaboração do binômio alienação-separação frente ao Outro. Às voltas com a construção de uma narrativa sobre sua origem, incluindo a alienação e a separação do Outro, novas operações se processam dando lugar a um outro discurso, além do familiar. Neste caminho em busca pela identidade adulta, o adolescente vive importantes momentos de identificação - seja em um processo de desligamento ou de estabelecimento. É a instabilidade do binômio alienação-separação que o faz viver com as figuras parentais uma relação ambivalente, onde existe, simultaneamente, uma luta pela independência e um grande sentimento de desamparo (COSTA, 2015).

É neste contexto que outros grupos ganham força, podendo o laço grupal substituir o laço familiar nessas novas vias de identificação. Inicialmente, esse processo de identificação ocorre com os pais, sendo posteriormente direcionado a outras figuras, como professor, artistas, amigos, etc. Nesse sentido, os professores poderão ser tomados, por seus estudantes, como modelos alternativos aos da família, e o processo que o adolescente deveria estar vivendo com seus pais, acaba sendo transferido ou mesmo ampliado para os professores, o que permitirá ao adolescente reconstruir suas próprias referências.

Não podemos perder de vista que nas relações humanas e também nas relações escolares, está em jogo a transferência. Como lembra Gutierrez (2003, p. 81):

O aluno recortará, despedaçará as palavras e o conteúdo transmitido pelo professor a partir de suas “placas estereotípicas” (...) Da mesma forma, acontecerá do lado do professor. Ele recortará o discurso do do seu aluno conforme suas marcas subjetivas e de acordo com as representações que possui sobre o que é um aluno e qual o lugar do professor, estabelecidas no decorrer de suas relações.

O termo transferência, em princípio, nos remete à ideia de deslocamento, de levar algo de um lugar para outro. Para a Psicanálise, a transferência tem um sentido especial: ela designa o

[...] processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos no quadro de certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica. Trata-se de uma repetição de protótipos infantis vivida com uma atualidade acentuada (LAPLANCHE & PON TALIS, 1976, p. 668).

Trata-se, em suma, de um processo de substituição de uma pessoa anterior pela pessoa do analista, o que indica algo da ordem de uma repetição. Da mesma maneira, há na relação um movimento de contratransferência que surge como resultado da influência do paciente sobre os sentimentos inconscientes do analista. Para Laplanche & Pontalis (1976), trata-se do conjunto das reações inconscientes do analista à pessoa do analisando, mais particularmente, à transferência deste.

Na relação educativa, a subjetividade e a dinâmica inconsciente estão presentes tanto para o/a professor/a quanto para o/a estudante. A forma como o/a professor/a se posiciona e lida com aspectos “incontroláveis” marca as relações educativas e, muitas vezes, facilita ou bloqueia o processo. Pela transferência, o/a estudante reedita tanto sentimentos positivos de afeição - transferência positiva - quanto sentimentos negativos, de hostilidade - transferência negativa. (FREUD, 1914/2006; KUPFER, 1992, 2007; OLIVEIRA, 2015).

Outro aspecto da transferência muito necessário para que a aprendizagem ocorra, como nos lembra Gutierrez (2003), é a transferência de expectativas e ideais, isto é, o professor ser colocado no lugar de Ideal-do-Eu, no lugar de “modelo”, representante da figura paterna e carregando o Ideal-do-Eu. Ao ser colocado no lugar de Ideal-do-Eu, o professor assume importância e poder, e então, neste lugar especial, a aprendizagem é viabilizada.

Nesse sentido, a transferência é abordada sob outra perspectiva, não a dos afetos ou da ordem da repetição dos estereótipos, mas de uma transferência de poder, pois alguém fica num lugar especial, de prestígio, para quem o/a estudante remete seu discurso e a respeito de quem se supõe ser possuidor de um saber diferenciado, ou suposto saber. Inconscientemente, o professor assume um lugar que comporta os traços ideais do sujeito adolescente, traços por ele almejados. Dessa forma, se estabelece o desejo de saber no estudante - desejo esse que tem relação direta com a importância da figura do seu mestre.

O estudante adolescente tenta se fazer “amado” pelo professor, tendendo a buscar corresponder ao seu desejo, como por exemplo, interessando-se por seu objeto de saber. O professor, por sua vez, pode usar esse mecanismo para provocar a construção do saber do estudante, conduzindo-o a estabelecer a sua própria relação com o saber.

Pelo mecanismo da transferência, o/a professor/a é revestido de poder pelo próprio estudante, que aciona seu desejo de saber, que, por outro lado, advém quando o sujeito se depara com a falta. A transferência se produz, então, quando o desejo de saber do



aluno se liga a um elemento particular que é a figura do/a professor/a (KUPFER, 1992, 2007; OLIVEIRA, 2015). Os efeitos dessa relação professor/a-estudante produzem também efeitos na relação ensino-aprendizagem. Desse ponto de vista, aprender pressupõe a presença de um/a professor/a colocado/a numa determinada posição que pode ou não propiciar a aprendizagem.

Como vimos, o adolescente vive um momento de construção subjetiva, de busca pela identidade, tendo como uma de suas características uma relação de ambivalência com os pais; relação essa que, por vezes, acaba sendo direcionada ao professor devido ao mecanismo de transferência. Essa relação parental conflituosa, entre tantas formas, também se expressa por meio de um afastamento progressivo dos pais, tendo em vista a sua busca pela autonomia. Este afastamento, quando transferido à figura do professor, gera um grande desafio para o mesmo, uma vez que ele precisa ensinar a alguém que, por vezes, deseja se afastar dele. Essa especificidade da relação do adolescente com o/a professor/a, esse tipo específico de transferência vivenciada pelo sujeito na adolescência, resulta em alguns complicadores para a relação professor/a-estudante.

Contudo, um professor de adolescentes, ao considerar os processos subjetivos do seu público, pode apresentar uma postura acolhedora diante do ato de ensinar a esses sujeitos. O desejo de ensinar, o modo de se relacionar, a capacidade de ouvir, são habilidades que podem tornar o ensino a este público mais eficaz. A relação do adolescente com seu/sua professor/a tem influência direta na relação do adolescente com o conhecimento. Desse modo, uma relação de diálogo e confiança pode contribuir ao bom desempenho escolar dos estudantes adolescentes.

Consideramos que para exercer bem a função de professor, é preciso também se colocar na posição de disponibilidade e acolhimento a/o estudante, sobretudo se levamos em conta que o professor, pela transferência, fica no lugar das funções familiares. Essa capacidade de o/a professor/a de estar disponível para acolher deve ser uma condição de possibilidade de ensinar. Nesse sentido, o conteúdo a ser ensinado, embora também seja muito importante, no bojo de todo esse processo pedagógico fica em segundo plano diante da figura do professor e de tudo o que ela representa para o/a estudante nesse processo, tornando-se a chave da aprendizagem, podendo facilitar ou bloquear a possibilidade de aprendizagem.

## A PRÁTICA PEDAGÓGICA

A respeito da construção do saber, a Psicologia da Educação proporciona diferentes teorias acerca do desenvolvimento e do processo de ensino-aprendizagem, e cada uma considera o/a estudante de forma diferente.

Na concepção do Empirismo, há uma ênfase dada ao ambiente, aos estímulos, às experiências e ao comportamento, onde são considerados os fatores externos como importantes ao desenvolvimento das pessoas. Os ambientalistas não consideram os fatores internos e subjetivos, e veem o/a estudante como uma “tábua rasa”, uma página em branco, que seria preenchida apenas através das experiências. De acordo com essa concepção, o papel do professor é de gerar estímulos que condicionem respostas específicas, moldando o comportamento dos/as estudantes através de reforço ou punição. Nesta teoria, a individualidade e autenticidade do/a estudante não é considerada, o/a mesmo/a é totalmente passivo/a, não tendo oportunidade de escolha (BARROS, 1996).

Teóricos contemporâneos ressaltam que é necessário superar este tipo de educação e passar a focar a aprendizagem no/a estudante. Moran (2013, p.1) pontua:

A aprendizagem é mais significativa quando motivamos os alunos intimamente, quando eles acham sentido nas atividades que propomos, quando consultamos suas motivações profundas, quando se engajam em projetos em que trazem contribuições, quando há diálogo sobre as atividades e a forma de realizá-las.

Este tipo de concepção mais voltada para o/a estudante é defendida pela perspectiva do Interacionismo. Nela, além dos fatores ambientais, os fatores subjetivos são considerados no desenvolvimento do sujeito. Como um dos representantes desta corrente, temos Jean Piaget, que possui uma teoria interacionista denominada construtivismo. Em sua teoria, Piaget organiza o desenvolvimento cognitivo por estágios que são comuns a todas as crianças. Na prática docente, o construtivismo se revela por meio de um professor que desafia, estimula e gera questionamentos aos estudantes, conduzindo-os à reestruturação de seu conhecimento por meio da aquisição de um novo conceito (MONTEIRO & CHIARO, 2012).

Outro representante da corrente interacionista é Vygotsky, que possui uma teoria interacionista sócio-histórica denominada socioconstrutivismo. Em sua teoria, Vygotsky

considera a aprendizagem como pré-requisito ao desenvolvimento, onde o outro mais experiente e sua atuação pedagógica assume um papel de grande importância. O professor, como o “outro mais experiente”, deve atuar como mediador diante das relações interpessoais no grupo heterogêneo, buscando intervir na ZDP dos estudantes para que haja a internalização e apropriação de novos conceitos. MONTEIRO & DE CHIARO (2012, p.86), afirmam: “Como mediador das interações entre os alunos e entre alunos e meio físico, o professor deve promover o diálogo, o confronto, as trocas, além de demonstrar, explicar, justificar, questionar.”

Nesta teoria, o social tem um papel fundamental no desenvolvimento do sujeito, e com base nisso, o conceito de ZDP foi formulado. ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal) significa o nível de desenvolvimento que o sujeito vai percorrer para que, com ajuda do outro, ele passe a realizar uma nova função sozinho, de forma consolidada (Zona de Desenvolvimento Real). Este conceito é importantíssimo para compreender as relações entre desenvolvimento e aprendizagem.

Seguindo esta perspectiva, o professor e pesquisador Moran, pontua um tipo de aprendizagem denominada personalizada. Nela, a aprendizagem é adaptada ao ritmo e necessidade de cada sujeito, com propostas individualizadas - o que não era possível na educação tradicional (MORAN, 2013). Ainda acrescenta:

Trabalhar com desafios hoje é mais complexo, porque cada um dos alunos envolvidos têm expectativas diferentes, motivações diferentes, atitudes diferentes diante da vida. O educador precisa descobrir quais são as motivações profundas de cada um, o que o mobiliza mais para aprender, os percursos mais adequados para sua situação (...). (MORAN, 2013, p.3)

Nesta consideração do sujeito como alguém singular, subjetivo e social, a proposta metodológica construtivista se relaciona com o olhar psicanalítico, tendo em vista que o mesmo enxerga o sujeito adolescente em todos os seus processos internos e peculiaridades subjetivas.

É muito importante que o conteúdo escolar “passe pelo crivo de necessidades” do estudante, tendo em vista as peculiaridades que são intrínsecas a ele (PEREIRA, 2012, p. 8). Neste aspecto - de considerar a individualidade do sujeito estudante -, a perspectiva psicanalítica pode aproximar-se da teoria construtivista.

Pereira (2012, p.8) ainda afirma: “Assim, o professor, (...) precisaria, antes de mais nada, estar disponível para receber/perceber as projeções ou necessidades dos estudantes, para só então organizar programas de ensino consonantes a essas necessidades.”

Isso nos remete à questão da transferência, em que o/a estudante (e o/a professor/a) reedita sentimentos positivos de afeição e/ou sentimentos negativos de hostilidade, revive experiências, projeta necessidades, e tudo isso que vai compondo essa relação professor/a-estudante pode determinar o rumo da aprendizagem. Os efeitos dessa relação produzem efeitos no processo ensino-aprendizagem. Como vimos, aprender pressupõe a presença de um/a professor/a colocado/a numa determinada posição que pode ou não propiciar a aprendizagem e, nesse sentido, se o/a professor/a se coloca na posição de diálogo ou antidiálogo, de opressor/a ou libertador/a, de acolhimento e amorosidade ou de exclusão e massificação, isso faz toda diferença.

Levando em conta que, do ponto de vista da psicanálise, um bom professor é aquele que é capaz de causar no/a estudante um constante reposicionamento subjetivo, movendo seu desejo de saber, como nos lembra Gutierrez (2003), vemos aí outro ponto de aproximação com a teoria construtivista, uma vez que esta considera o interesse do aluno como ponto de partida, estimulando a sua curiosidade e capacidade de observação, exploração e levantamento de hipóteses. Essa teoria leva em conta o seu conhecimento prévio e o conduz a experiências que reestruturem o mesmo, ou seja, que leve o estudante à construção de um novo conceito - aprendizagem (MONTEIRO & CHIARO, 2012).

Os professores não podem ser psicanalistas em ambiente escolar, por um limite metodológico existente em uma possível tentativa de acesso ao inconsciente (KUPFER, 2003), e por não ser essa a proposta. Contudo, ele deve considerar que o sujeito que aprende - e o que ensina - é um sujeito do inconsciente, e que essas questões interferem nesse processo, ou seja, para além do comportamento aparente, outras dimensões existem e estão operando nas situações educativas. Nesse sentido, o acolhimento direcionado a estes sujeitos adolescentes, que vivem um momento de tantas descobertas e indefinições, junto a metodologias apropriadas e personalizadas, pode colaborar positivamente no desempenho desses estudantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre a família e o processo de aprendizagem acontece devido a uma característica intrínseca a todo ser humano: a complexidade e subjetividade. O homem possui dimensões visíveis, invisíveis, singulares e genéricas – o comportamento, o sentimento, o ser como somente ele é e o ser comum com todos, respectivamente.

É uma característica humana cada pessoa possuir a sua forma particular e individual, constituída pelas experiências vividas, relações sociais e aspectos biológicos. Estes significados e emoções internas, este mundo interior e vivência particular, este modo de ser, denomina-se subjetividade (BOCK et al, 1999).

Devido à subjetividade e complexidade inerente a cada sujeito, o/a estudante não é um mero receptor de conhecimentos, mas é um organismo composto pela totalidade dos aspectos humanos. Por isso, o déficit de aprendizagem precisa ser visto como um assunto abrangente e não-linear, devendo também considerar a influência das relações familiares na hora de analisá-lo e interpretá-lo.

O sujeito da aprendizagem é um ser individual que se relaciona com a realidade, cujas disposições psíquicas encontram-se imersas em um cenário social, e que, apesar de singulares, constituem-se mediante a relação com o outro (PEREIRA, 2012).

Diante dessa realidade, a teoria psicanalítica pode contribuir oferecendo ao professor um modo de enxergar e lidar com seus estudantes adolescentes em meio às peculiaridades e necessidades respectivas à dinâmica de sua faixa etária. Considerando o mecanismo de transferência vivenciado pelo sujeito adolescente, o/a docente pode utilizar-se deste “poder” para conduzir o aluno à construção do seu próprio saber.

Como a Psicanálise trabalha com a subjetividade e com o inconsciente, e, conforme pontuam Monteiro e Chiaro (2012), a ênfase dada por Freud está nas relações entre professores e alunos - portanto no campo da transferência - como campo que estabelece as condições de aprendizagem e não nos conteúdos cognitivos, torna-se impossível a criação de uma “metodologia pedagógica-psicanalítica”, pois toda metodologia exige previsibilidade e trabalhar com o inconsciente significa considerar o imprevisível, imponderável (MONTEIRO & CHIARO, 2012).

Contudo, a ética psicanalítica pode comunicar-se com uma prática docente construtivista no que diz respeito a considerar o interesse do estudante como ponto de partida, e ao vê-lo como um ser único, atuante, ativo, subjetivo e social, buscando, assim, amenizar possíveis problemas de aprendizagem decorrentes de questões subjetivas do próprio indivíduo.

Estas questões internas e subjetivas do sujeito estudante podem ter raízes em questões familiares. Desse modo, mesmo não sendo regra, mostra-se importante considerar o impacto das relações familiares no desempenho dos/as estudantes, tendo em vista que as dificuldades apresentadas no processo de aprendizagem podem ser reflexo disso.

No que tange aos problemas familiares dos respectivos estudantes adolescentes, torna-se válida a contribuição escolar de forma direta e indireta, seja por meio de programas de educação familiar ou na elaboração de políticas que visem a promoção da saúde, conforme sugerem Dessen & Polonia (2007), além de trabalhar a temática nos cursos de formação de professores para que os mesmos possam estar mais sensíveis e atentos, aptos a considerar as variadas causas que podem influenciar no desempenho de seus futuros estudantes.

Diante do exposto, pensamos que uma forma de o/a docente tornar a sua prática pedagógica mais eficaz, mostra-se por meio do uso de metodologias interacionistas, ou seja, que consideram o/a estudante como um ser ativo, único, subjetivo e complexo, em suas necessidades e contextos específicos. A utilização destas metodologias aumentam as chances de os/as discentes terem uma aprendizagem mais eficiente, mesmo diante das tantas variáveis que os cercam.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. *O adolescente e o Outro*. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BARROS, C. S. G. *Psicologia e Construtivismo*. São Paulo: Ática, 1996.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. *Psicologias - Uma Introdução ao Estudo de Psicologia*. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRAGA, S. S.; SCOZ, B. J. L.; MUNHOZ, M. L. P. Problemas de Aprendizagem e Suas Relações com a Família. *Rev. Psicopedagogia*, 24(74): 149-59. 2007.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. Disponível em: <[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88\\_Livro\\_EC91\\_2016.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf)> Acesso 18 de fevereiro de 2021.

BRASIL. Lei 8.069 – ECA - *Estatuto da Criança e do Adolescente*, de 13 de julho de 1990. Disponível em: <[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca\\_1ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/534718/eca_1ed.pdf)> Acesso em: 18 de fevereiro de 2021.

CASARIN, N. E. F.; RAMOS, M. B. J. Família e Aprendizagem Escolar. *Rev. Psicopedagogia*, 24(74): 182-201. 2007.

COSTA, V. A. S. F. *Da revalidação do nome-do-pai à posição diante da lei e do ato infracional na operação adolescente*. 2015. Tese de Doutorado, Pós-graduação em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2015.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. da. C. A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, Distrito Federal, 2007, 17(36), 21-32. 2007.

DOMINGUES, M. R. C.; DOMINGUES, T. L. C.; BARACAT, J. Uma Leitura Psicanalítica da Adolescência: Mudança e Definição. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, São Paulo, n.12, maio de 2009.

EISENSTEIN, E. *Adolescência: definições, conceitos e critérios*. Adolescência & Saúde, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 2005.

FREUD, S. *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar* (1914). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Direção de tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 2006. v. 13.

GUTIERRA, B. C. C. *Adolescência, Psicanálise e Educação: o mestre do “possível” de adolescentes*. São Paulo: Avercamp, 2003.

KEHL, M. R. *Em Defesa da Família Tentacular*. 2003.

KUPFER, M. C. *Afetividade e Cognição: uma dicotomia em discussão*. Summus, 2003.

KUPFER, M. C. *Educação para o futuro. Psicanálise e Educação*. 3ª ed. São Paulo: Escuta, 2007.

KUPFER, M. C. *Freud e a Educação – O Mestre do Impossível*. São Paulo: Scipione, 1992.

LAPLANCHE, J. & PON TALIS, J. B. *Vocabulário de Psicanálise*. Lisboa: Moraes Editores, 1976.

MACEDO, R. M. A Família diante das dificuldades escolares dos filhos. In: OLIVEIRA, Vera B. e BOSSA, Nádia. *A Avaliação Psicopedagógica da Criança de Zero a Seis Anos*. 2. ed., Petrópolis: Vozes, 1994.

MIGUEL, L. O. S.; BRAGA, E. R. M. *A Importância da Família no Processo de Aprendizagem, Visando ao Sucesso Escolar*. 2008.

MONTEIRO, C. E.; CHIARO, S. de. *Fundamentos Psicológicos do Ensino e da Aprendizagem*. Recife: Universitária UFPE, 2012.

MORAN, J. *Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda*. 2013.

OLIVEIRA, M. H. P. de. *Diálogos entre a Educação e a Psicanálise: a Relação Professor e Aluno Adolescente*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

OLIVEIRA, P. S. de. *Introdução à Sociologia*. 2 ed. São Paulo: Ática, 2011.



ORSI, M. J. J. S.; YAEGASHI, S. F. R. *Família Contemporânea: Reflexões e Repercussões na Educação e na Aprendizagem Escolar*. 2007.

PEREIRA, S. *O Sujeito Em Busca do Aprender: Esboçando um Diálogo Entre Referenciais Sistêmicos e Psicanalíticos*. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL. 2012.

TEIXEIRA, L. C. *O sujeito adolescente e a intervenção psicanalítica: notas a partir de um caso clínico*. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, 17 (supl. nº 3), p. 797-804, 2014.

TOMAZI, N. D. *Sociologia para o Ensino Médio*. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

WAGNER, Adriana. *Desafios psicossociais da família contemporânea*. Pesquisas e reflexões. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ZAGURY, T. *Educar sem culpa: a gênese da ética*. 21 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.